



<http://10.5380/jpe.v20i1.101922>

ARTIGO

Programa Ensino Integral e esforço espacial de estudantes do ensino médio: estudo a partir de duas escolas públicas na cidade de São Paulo¹

Full-Time Education Program and Spatial Effort of High School Students: A Study Based on Two Public Schools in the City of São Paulo

Programa de educación a tiempo completo y esfuerzo espacial de los estudiantes de secundaria: un estudio basado en dos escuelas públicas de la ciudad de São Paulo

*Eduardo Donizeti Girotto²
João Victor Pavesi de Oliveira³
Felipe Garcia Passos⁴*

Citação: GIROTTTO, Eduardo Donizeti; OLIVEIRA, João Victor Pavesi de; PASSOS, Felipe Garcia. Programa Ensino Integral e esforço espacial de estudantes do ensino médio: estudo a partir de duas escolas públicas na cidade de São Paulo. *Jornal de Políticas Educacionais*. V. 20, e101922. Julho de 2026.

Submetido em: 03 Nov de 2025
Aprovado em: 13 Feb de 2026

RESUMO: Neste artigo, discutimos as implicações do Programa Ensino Integral da rede estadual de Educação de São Paulo sobre o esforço espacial de estudantes do Ensino Médio, entendido como o conjunto de recursos físicos, econômicos, informacionais e subjetivos mobilizados pelos estudantes para acessar

¹Pesquisa foi financiada pela Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021 - Faixa A - Grupos Emergentes, Processo 405223/2021-8.

² Doutor em Geografia. Professor Associado do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. São Paulo/SP/Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-9870-6188>. E-mail: egirotto@usp.br.

³ Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. Professor substituto do Instituto Federal da Bahia, *campus* Salvador. Salvador/BA/Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-2754-1611>. E-mail: joao.pavesi@gmail.com

⁴ Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Professor do Instituto Federal do Pará. Belém/PA/Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-3974-2306>. E-mail: felipepassos9@gmail.com

GIROTTTO, Eduardo Donizeti; OLIVEIRA, João Victor Pavesi de; PASSOS, Felipe Garcia. Programa Ensino Integral e esforço espacial de estudantes do ensino médio: estudo a partir de duas escolas públicas na cidade de São Paulo.

unidade escolares percebidas como aquelas de maior qualidade. Para o desenvolvimento da pesquisa, selecionamos duas unidades escolares PEI, localizadas na cidade de São Paulo, em áreas de baixa vulnerabilidade social que recebem estudantes oriundos de diferentes bairros da região metropolitana de São Paulo. Foram realizadas 29 entrevistas com estudantes, com o auxílio de um roteiro semiestruturado. Os resultados da pesquisa apontam que são os estudantes de áreas periféricas da cidade e da região metropolitana de São Paulo que se realizam maior esforço espacial em busca desta oferta educacional de melhor qualidade e o fazem por entenderem que não é possível acessá-la em seus bairros de origem. Também apontam que este deslocamento pressupõe o acesso às informações sobre o sistema de ensino e que, neste processo, as famílias têm papel central, sobretudo, às mães. Por fim, mostram que este esforço espacial tem suas recompensas e custos: de um lado, significa ampliação das perspectivas de futuro, em especial, de continuidade de estudos no ensino superior; de outro, representam um custo devido ao cansaço do deslocamento e a rotina exaustiva, catalisada pela jornada de 9 horas representada pelo PEI.

Palavras-Chave: Esforço Espacial; Desigualdade Escolar; Ensino Médio.

ABSTRACT: This article discusses the implications of the Full-Time Education Program (PEI) of the São Paulo state education network on the spatial effort of high school students, understood as the set of physical, economic, informational, and subjective resources mobilized by students to access schools perceived as those of higher quality. For the development of the research, we selected two PEI schools located in the city of São Paulo, in areas of low social vulnerability, which receive students from different neighborhoods in the metropolitan region of São Paulo. Twenty-nine interviews were conducted with students, using a semi-structured script. The research results indicate that students from peripheral areas of the city and the metropolitan region of São Paulo make the greatest spatial effort in search of this higher-quality educational offer, and they do so because they understand that it is not possible to access it in their neighborhoods of origin. They also indicate that this displacement presupposes access to information about the education system and that, in this process, families play a central role, especially mothers. Finally, they show that this spatial effort has its rewards and costs: on the one hand, it means broadening future prospects, especially for continuing studies in higher education; on the other hand, it represents a cost due to the fatigue of commuting and the exhausting routine, catalyzed by the 9-hour workday represented by the PEI.

Keywords: Spatial Effort; Educational Inequality; Secondary Education.

RESUMEN: Este artículo analiza las implicaciones del Programa de Educación a Tiempo Completo (PEI) de la red educativa del estado de São Paulo sobre el esfuerzo espacial de los estudiantes de bachillerato, entendido como el conjunto de recursos físicos, económicos, informativos y subjetivos que movilizan para acceder a centros educativos percibidos como de mayor calidad. Para el desarrollo de la investigación, se seleccionaron dos centros PEI ubicados en la ciudad de São Paulo, en zonas de baja vulnerabilidad social, que reciben estudiantes de diferentes barrios de la región metropolitana de São Paulo. Se realizaron veintinueve entrevistas a estudiantes, utilizando un guion semiestructurado. Los resultados indican que los estudiantes de zonas periféricas de la ciudad y de la región metropolitana de São Paulo realizan el mayor esfuerzo espacial en busca de esta oferta educativa de mayor calidad, debido a que comprenden que no es posible acceder a ella en sus barrios de origen. Asimismo, señalan que este desplazamiento presupone el acceso a información sobre el sistema educativo y que, en este proceso, las familias desempeñan un papel fundamental, especialmente las madres. Finalmente, demuestran que este esfuerzo espacial tiene sus ventajas y desventajas: por un lado, amplía las perspectivas de futuro, especialmente para continuar los estudios superiores; por otro, supone un coste debido al cansancio del desplazamiento y la agotadora rutina, agravados por la jornada laboral de 9 horas del PEI.

Palabras clave: Esfuerzo espacial; Desigualdad educativa; Educación secundaria.

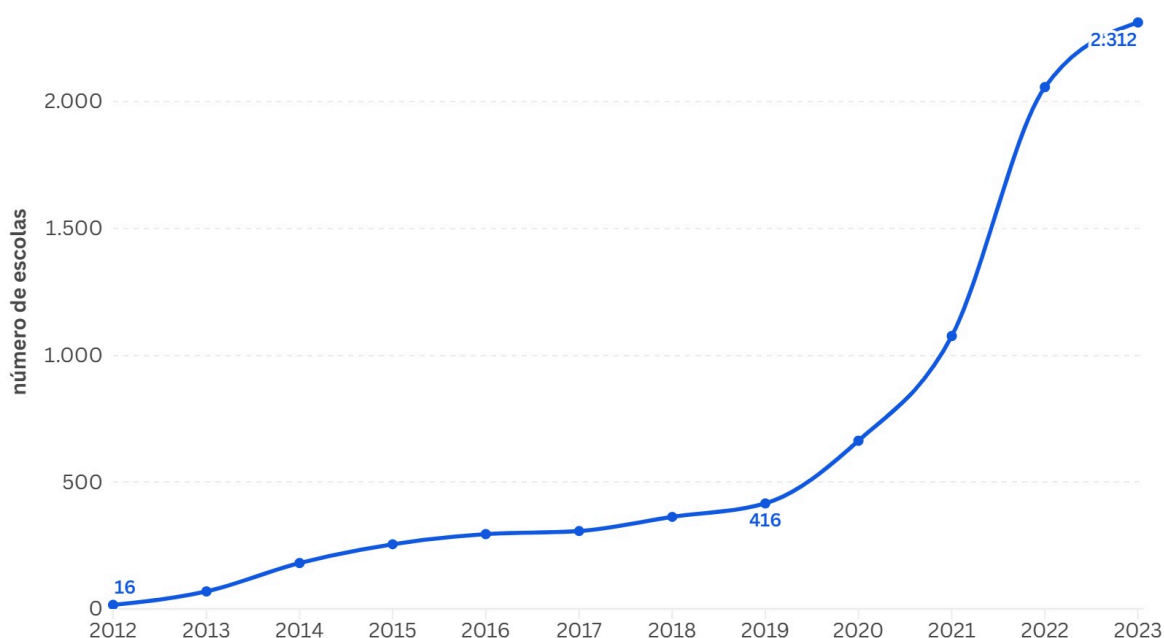
Introdução

O avanço de Programas de Ensino em Tempo Integral (Girottto; Jorge; Oliveira, 2022) com extensão da jornada escolar tem marcado a dinâmica das políticas

GIROTTTO, Eduardo Donizeti; OLIVEIRA, João Victor Pavesi de; PASSOS, Felipe Garcia. Programa Ensino Integral e esforço espacial de estudantes do ensino médio: estudo a partir de duas escolas públicas na cidade de São Paulo.

educacionais no Brasil, com maior ênfase na última década. No caso da rede estadual de São Paulo, o Programa Ensino Integral (PEI) se apresenta como a principal ação de expansão da jornada escolar. Criado em 2012, o PEI integra o Programa Educação – Compromisso de São Paulo, implementado quando Herman Voorwald esteve à frente da Secretaria de Educação durante o Governo de Geraldo Alckmin (2014-2018). Implementado de forma gradual até 2019, o Programa teve uma rápida expansão a partir de 2020, alcançando mais de 2.300 unidades em 2023, distribuídas em todo o território paulista. O gráfico 1 demonstra a expansão do Programa:

Gráfico 1 – Expansão do Programa Ensino Integral na rede estadual paulista entre 2012 e 2023



Fonte: Elaborado pelos autores a partir dos dados da SEDUC-SP (2023).

A partir do gráfico 1, é possível identificar dois períodos bem demarcados de implementação da política. No primeiro ciclo, de 2012 a 2019, observa-se um crescimento gradual, com certa estagnação a partir de 2015; já no segundo ciclo, entre 2020 e 2023, há uma acentuada expansão do Programa por toda rede. Quando analisamos a diferença entre os dois períodos, verificamos que 82% das escolas participantes aderiram ao Programa a partir de 2020; e, considerando o total de unidades da rede estadual, identificamos que menos de 10% das escolas estaduais compunham o Programa no primeiro período, número que salta para aproximadamente 50% no período seguinte. Essas diferenças, em nossa perspectiva, são elementos marcadores na constituição de dois ciclos de implementação do Programa e são importantes para a análise do mesmo.

Desde 2020, temos estudado os efeitos do Programa sobre o Ensino Médio na rede estadual paulista. Entre as evidências produzidas, verificamos a existência de um processo de gentrificação escolar induzido pela implementação do PEI (Girottto; Oliveira, 2023). Trata-se de uma mudança na constituição das comunidades escolares das unidades PEI que, após a adesão ao Programa, diminuem a presença de estudantes de alta vulnerabilidade socioeconômica, bem como modificam a relação das unidades escolares com o entorno imediato.

Com o intuito de dar continuidade às análises dos efeitos do PEI sobre o Ensino Médio, o principal objetivo deste artigo é discutir as implicações do programa sobre o esforço espacial dos estudantes, entendido como o conjunto de recursos físicos, econômicos, informacionais e subjetivos mobilizados por eles para acessar ofertas percebidas como de maior qualidade. Essa definição se ancora na literatura de mobilidades juvenis, segundo a qual mobilidade é um recurso socialmente distribuído, portanto, estratificador. Em ambientes urbanos segregados, a conversão do desejo de deslocar-se em trajetórias efetivas depende de repertórios, oportunidades e constrangimentos que articulam lugar, classe e raça, o que ajuda a explicar por que aspirações semelhantes resultam em percursos desiguais (Lindgren; Lundahl, 2010).

Para o desenvolvimento da pesquisa, selecionamos duas unidades escolares PEI do 1º ciclo da política, localizadas na cidade de São Paulo, em áreas de baixa vulnerabilidade social. As unidades escolhidas recebem estudantes oriundos de diferentes bairros da região metropolitana de São Paulo, atendendo poucos estudantes do entorno, o que justifica a escolha das mesmas para o presente estudo. Foram realizadas 29 entrevistas com estudantes, com o auxílio de um roteiro semiestruturado. As identidades dos estudantes foram preservadas, garantindo direito ao sigilo e ao anonimato⁵. As entrevistas foram transcritas com o auxílio do software *TurboScrib* e categorizadas com o uso da ferramenta *MaxQda*.

O texto encontra-se organizado da seguinte maneira: na primeira seção, apresentamos os fundamentos teórico-conceituais nos quais assentamos a concepção de esforço espacial que orienta esta investigação. Nesta seção, buscamos problematizar como, a partir do arcabouço-teórico da Geografia Crítica da Educação, campo de pesquisa no qual nos afiliamos, é possível construir um olhar sobre os deslocamentos, mobilidades

⁵ Parecer CEP 7.549.232 / CAAE 87026225.3.0000.0138.

GIROTTTO, Eduardo Donizeti; OLIVEIRA, João Victor Pavesi de; PASSOS, Felipe Garcia. Programa Ensino Integral e esforço espacial de estudantes do ensino médio: estudo a partir de duas escolas públicas na cidade de São Paulo.

e imobilidades que marcam o direito à educação no contexto contemporâneo. Além disso, buscamos demonstrar, a partir da revisão da literatura, de que forma as relações entre desigualdades socioespaciais e escolares vêm sendo abordadas em pesquisas contemporâneas.

Na segunda seção, apresentamos os dados coletados em campo acerca da percepção dos estudantes de duas unidades escolares de ensino médio na cidade de São Paulo sobre aspectos relacionados ao esforço espacial. É importante frisar que não se trata de um estudo comparativo, uma vez que reconhecemos que as relações dos sujeitos com as unidades escolares são singulares e que esta singularidade precisa ser entendida em sua complexidade. Cada entrevista foi analisada a partir do entendimento de que, apesar de singulares, são marcadas por repetições e semelhanças que podem nos ajudar a entender as principais características que marcam o esforço espacial destes estudantes, bem como os impactos do mesmo em seu cotidiano.

Na seção final, sistematizamos as principais evidências produzidas neste estudo, buscando indicar possibilidades de continuidade de pesquisa na tentativa de construir uma agenda em torno da temática do esforço espacial a partir do campo da Geografia Crítica da Educação.

A política educacional e o esforço espacial: perspectiva teórica e revisão da literatura

Partimos da compreensão, fundadas em autores como Carlos (2011), Lefebvre (2008), Santos (2004), Harvey (2005), que a produção das relações capitalistas de produção só pode se dar pela produção do espaço, ao mesmo tempo em que o espaço produzido só poder ser compreendido a partir da análise das relações sociais que estruturam a sociedade capitalista. Esse é um dos pressupostos que sustenta a virada crítica da epistemologia geográfica no Brasil e em diversas outras partes do mundo a partir da década de 1970, assumindo o espaço como produção social, o que subsidia também as análises do campo de pesquisa da Geografia Crítica da Educação.

Ao se fundar em um sistema de relações sociais que, em sua reprodução, reforça as desigualdades que estão em sua base, o modo de produção capitalista foi também produzindo o espaço a partir de um complexo sistema de mobilidades e imobilidades que vão moldando a geografia do capital. Como aponta Haesbaert (2015)

Assim, em sentido mais amplo, muito mais do que um tempo de fluidez e mobilidade irrestrita, vivemos um tempo das múltiplas e complexas formas de i-mobilidade (ênfatizando o hífen). Apenas para um exemplo mais concreto, nunca tivemos tantas pessoas viajando, tantos deslocados, mas também nunca tivemos tantos muros, estejam eles nos limites internacionais ou no interior das cidades. A mobilidade geográfica se tornou um enorme instrumento de poder. Quem é capaz de desencadeá-la e/ou de controlá-la, seja de modo virtual ou concreto, detém muito do poder que construímos na atualidade (p. 84)

É nestes termos que uma das condições de reprodução capitalista é a produção / reprodução da segregação espacial, que pode ser entendida como um conjunto de barreiras e dispositivos que impedem ou dificultam a mobilidade espacial dos sujeitos. Diante desta compreensão, é fundamental entendermos que a luta pela mobilidade social no capitalismo, que reproduz desigualmente o espaço e o direito de uso e apropriação dele, é também uma luta pela mobilidade espacial.

Esta chave analítica nos ajuda na compreensão de como tem operado a política educacional sob a égide neoliberal no contexto brasileiro. Cabe ressaltar que, neste texto, assumimos a perspectiva presente em Dardot e Laval (2016) do neoliberalismo como uma Razão de Mundo, uma forma de produção societária instituída na atual dinâmica capitalista que define novas sociabilidades não restritas à dinâmica do trabalho. A sociabilidade neoliberal, nos termos propostos pelos autores, se funda na difusão de lógicas de empresariamento de si, pelas quais o funcionamento da empresa capitalista passa a hegemonizar as relações humanas em suas mais diferentes perspectivas. Diante desse quadro, as políticas educacionais neoliberais estão a serviço da reprodução desta sociabilidade, difundida por lógicas de organização do sistema escolar pautados na competição, no empreendedorismo, no individualismo, na resiliência e em inúmeros outros termos, têm marcado aquilo que Laval (2019) denominou de novo idioma da escola.

Entre os aspectos ainda pouco analisados acerca dos efeitos e processos reforçados pelas políticas educacionais, destaca-se a segregação socioespacial, com a criação de uma rede educacional também cada vez mais segregada.

É importante ressaltar que o estudo das possíveis relações entre desigualdades socioespaciais e escolares já possui uma longa tradição, em especial, no campo da Sociologia da Educação, influenciada pelos estudos de Bourdieu (2008) a partir daquilo

GIROTTTO, Eduardo Donizeti; OLIVEIRA, João Victor Pavesi de; PASSOS, Felipe Garcia. Programa Ensino Integral e esforço espacial de estudantes do ensino médio: estudo a partir de duas escolas públicas na cidade de São Paulo.

que o autor denomina de efeito de lugar. Trata-se de uma forma de compreender que as diferenças de posição dos sujeitos no espaço têm relação direta com a maior ou menor possibilidade de apropriação de bens e serviços que também estão distribuídos de forma desigual no espaço. Para apresentar a sua problematização, o autor diferencia espaço social e espaço físico.

O espaço físico é definido pela exterioridade mútua das partes, o espaço social é definido pela exclusão mútua (ou a distinção) das posições que o constituem, isto é, como estrutura de justaposição de posições sociais (p. 160)

No âmbito da compreensão epistemológica da Geografia Crítica da Educação, essa separação entre espaço social e físico é compreendido a partir de outros termos: a materialidade do espaço se explica pelas relações sociais que estão na base de sua produção. Ao mesmo tempo, tais relações são condicionadas pela materialidade do espaço produzido (Carlos, 2020). Na perspectiva de uma geografia crítica da educação, é fundamental entendermos a produção da política educacional como momento da produção do espaço. Nesta mesma lógica, a luta pela educação pode ser interpretada como expressão da luta pelo espaço que se expressa na contradição entre a produção social e a apropriação privada, definida, juridicamente, pela força da propriedade privada como forma-conteúdo do espacial no capitalismo. Esta contradição se acentua quando o valor de uso do espaço é cada vez mais suplantado por seu valor de troca, como mercadoria central na lógica de reprodução das relações capitalistas de produção.

Na perspectiva aqui assumida, o esforço espacial pode ser lido como resultado das múltiplas desigualdades que marcam as relações de produção e apropriação espacial. As diferentes cisões (entre lugar de moradia, de trabalho, de estudo), os custos de deslocamento, as desigualdades dos sistemas e infraestruturas de transportes, a “qualidade” da educação ofertada, estão na base da desigualdade de esforço espacial verificada entre os estudantes.

A literatura contemporânea, tanto no contexto nacional quanto internacional, é ampla em exemplos de pesquisas que visam compreender as relações entre as desigualdades socioespaciais e escolares. Nacionalmente, destacam-se os trabalhos de Ribeiro & Koslinsky (2010), Érnica & Batista (2011), Zuccarelli & Cid (2010), entre outros, que desde o campo da sociologia da educação debatem os fundamentos teórico-metodológicos que permeiam as pesquisas a partir da interface espaço, educação e desigualdades. No âmbito internacional, os trabalhos de Van Zanten (2005) e Ben Ayed

(2012) tornaram-se referências no debate ao jogarem luz nos mecanismos complexos de retroalimentação entre as desigualdades educacionais e socioespaciais.

No que concerne ao recorte específico desta investigação, o estudo de Paula & Nogueira (2018) traz elementos que se articulam com as perspectivas teórico-metodológicas aqui propostas. O estudo visa compreender as estratégias desenvolvidas por famílias de uma região de Belo Horizonte no processo de escolha escolar e parte do pressuposto de que “o local de moradia pode funcionar, nas grandes cidades, como um mediador crucial dos processos que produzem as desigualdades escolares” (p. 56).

O estudo se foca na compreensão das estratégias, inclusive espaciais, que as famílias realizam para, de um lado, obter educação de qualidade pra seus filhos e, de outro, evitar determinadas unidades escolares. Neste processo, a rede de relações sociais que os pais possuem com a vizinhança e com as próprias unidades escolares é um fator fundamental para alcançar os objetivos indicados anteriormente. Os autores fazem uso do conceito de geografia das oportunidades escolares para detalhar como as desigualdades do sistema escolar são lidas, interpretadas e mobilizadas pelas famílias, destacando a agência do país nesta luta cotidiana em mudar a geografia das oportunidades dos filhos.

No contexto internacional, Lindgren e Lundhal (2010), a partir da análise da dinâmica escolar na Suécia, discutem como a mobilidade é percebida e vivida pela juventude a partir de diferentes mediações. O trabalho analisa histórias de vidas de jovens de três áreas diversas social e espacialmente na Suécia, buscando entender como o fenômeno da mobilidade relacionada a dinâmica educacional aparece nas narrativas destes sujeitos. Para isso, utilizam o conceito de motilidade. Segundo os autores,

Motilidade refere-se ao potencial de mobilidade e responde às perguntas: "O que permite que as pessoas sejam móveis" (Kesselring & Vogl, 2004a, p. 9) ou "Por que você saiu?". A motilidade consiste em três dimensões que enquadram as transições para o ensino médio. Primeiro, as transições foram reguladas pelo acesso, por exemplo, elegibilidade e meios de transporte. Além disso, envolveram competências ou habilidades, capacidades e conhecimento para capitalizar o acesso. Por fim, as transições para o ensino médio foram mediadas pela adequação de escolhas específicas, pelas maneiras como os indivíduos se beneficiaram da facilidade de acesso e competência relevante (Lindgren; Lundhal, 2010, p. 198)

As conclusões da pesquisa indicam que a mobilidade é um fator de estratificação social no contexto sueco, uma vez que as possibilidades de deslocamentos para os lugares

GIROTTTO, Eduardo Donizeti; OLIVEIRA, João Victor Pavesi de; PASSOS, Felipe Garcia. Programa Ensino Integral e esforço espacial de estudantes do ensino médio: estudo a partir de duas escolas públicas na cidade de São Paulo.

desejados são desigualmente distribuídas entre os jovens. E tal estratificação se acentua com o conjunto de políticas de escolha escolar, baseadas nos princípios neoliberais de competição e meritocracia, que vem sendo implantado no sistema educacional sueco nos últimos 30 anos.

Assim, a partir da apresentação do arcabouço teórico e do diálogo com a literatura recente sobre o tema, partimos da concepção, nesta pesquisa, do esforço espacial como parte desta estratégia empreendida pelos sujeitos sociais com o intuito de mudar a geografia das oportunidades educacionais. No enquadramento deste trabalho, o esforço espacial articula o plano das mobilidades percebidas (aspirações e expectativas) ao das mobilidades reais (trajetos e permanências observáveis). Tal distinção permite interpretar o descompasso entre o que famílias e estudantes projetam e o que conseguem sustentar cotidianamente, dado o efeito combinado de tempo, custo, risco, estigma territorial e informação incompleta, que frequentemente encarece o deslocamento e limita a estabilidade das rotas escolhidas (Lindgren; Lundahl, 2010). Além disso, é possível identificá-lo como parte de uma luta pelo espaço individual, que almeja, entre outras coisas, garantir condições menos vulneráveis de reprodução social. Em certa medida, trata-se de uma disputa de posição, no qual mover-se pelo espaço desempenha papel fundamental. É com base nestas concepções que analisaremos as entrevistas realizadas, apresentada na próxima seção deste texto.

Programa Ensino Integral e Esforço espacial: o que pensam os estudantes entrevistados

Com o intuito de avaliarmos as condições e efeitos do esforço espacial sobre os estudantes de Ensino Médio da rede estadual paulista, aplicamos o questionário aos estudantes das PEIs estabelecidas em bairros da zona oeste paulistana. Incorporadas ao Programa no 1º ciclo da política, caracterizam-se por possuírem uma infraestrutura escolar melhor (laboratório de ciências, biblioteca e sala de leitura, quadras de esportes cobertas etc.) e com processos de gentrificação escolar mais expressivos (redução no número de matrículas e turmas, fechamento do ensino noturno e das classes da EJA, diminuição de estudantes beneficiários do bolsa família) (Giroto *et al.*, 2020). Em trabalho recente (Giroto *et al.*, 2025), ao entrevistar ex-alunos de unidades

GIROTTTO, Eduardo Donizeti; OLIVEIRA, João Victor Pavesi de; PASSOS, Felipe Garcia. Programa Ensino Integral e esforço espacial de estudantes do ensino médio: estudo a partir de duas escolas públicas na cidade de São Paulo.

correspondentes a esse ciclo da política, verificamos defenderem com mais força o Programa do que egressos das PEIs do 2º ciclo.

Utilizamos três critérios para a seleção das unidades escolares nas quais os estudantes foram entrevistados: a) ofertarem ensino médio; b) se localizarem em áreas de baixa vulnerabilidade socioespacial; c) atenderem, principalmente, estudantes que não residem no entorno da escola. A partir destes critérios, as duas unidades escolares foram selecionadas e as entrevistas realizadas com 29 estudantes, a partir de um roteiro semiestruturado.

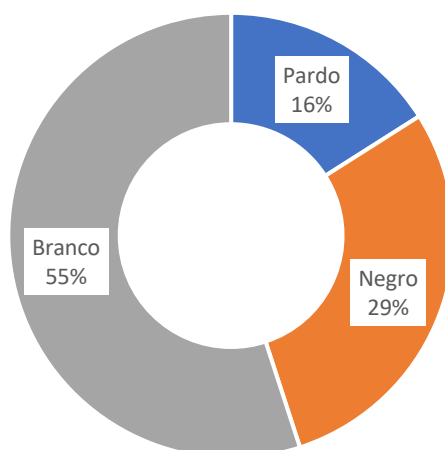
Para a realização das entrevistas, os estudantes foram abordados no horário de saída das unidades escolares. Na abordagem inicial, foram apresentados os objetivos da pesquisa e questionados se gostariam de participar da entrevista. Após o aceite, foi lido o termo de Consentimento Livre Esclarecido para cada um, deixando claro que os mesmos poderiam desistir da participação em qualquer momento e que não pagariam ou receberiam nada pela participação.

As entrevistas tiveram durações que variaram entre 3 e 7 minutos. Foram transcritas com o auxílio do software *TurboScrib* e categorizadas com o uso do *MaxQDA*. A partir da categorização, foram produzidos os dados e análise apresentadas a seguir.

As entrevistas semiestruturadas e a análise dos percursos foram lidas à luz da motilidade, entendida como potencial de mobilidade composto por acesso, competências e adequação. A partir dessa matriz, traduzimos depoimentos e trajetos em indicadores comparáveis, o que possibilitou avaliar não apenas quem se desloca, mas como e a que custo, considerando meios e redes disponíveis, habilidades para organizar o cotidiano e coerência entre a escola escolhida e as condições de vida das famílias (Lindgren; Lundahl, 2010).

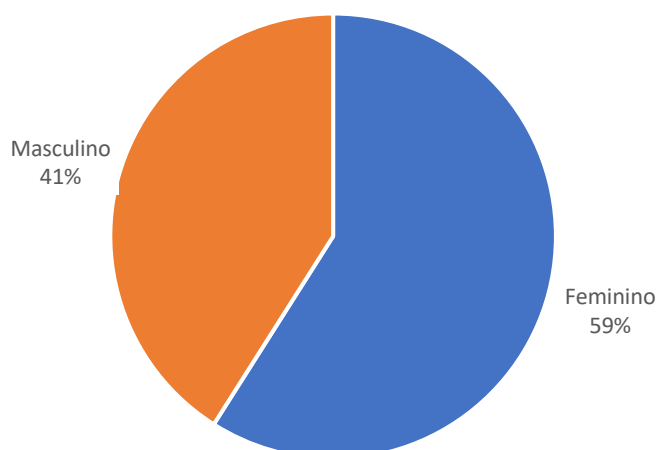
Os gráficos de 1 a 4 apresentaram as características socioeconômicas e raciais dos entrevistados.

Gráfico 1 – Autodeclaração racial



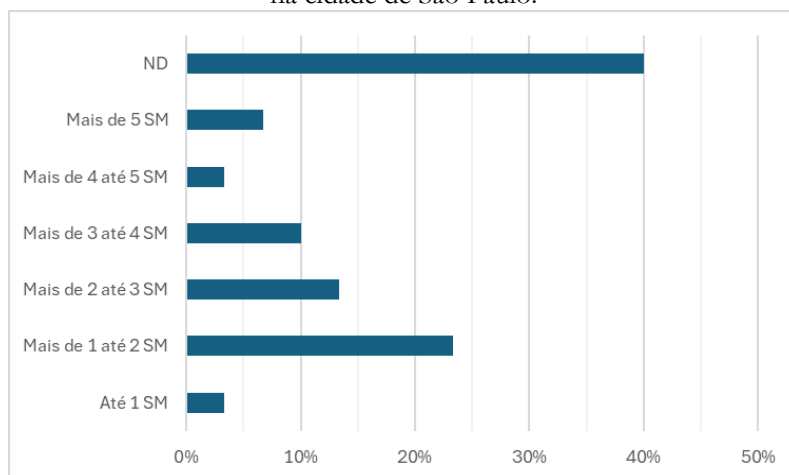
Fonte: Elaborado pelos autores a partir das entrevistas, 2025.

Gráfico 2 – Autodeclaração de gênero



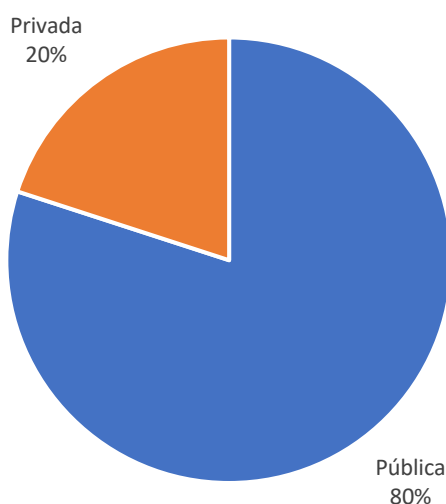
Fonte: Elaborado pelos autores a partir das entrevistas, 2025.

Gráfico 3 – Renda Familiar



Fonte: Elaborado pelos autores a partir das entrevistas, 2025.

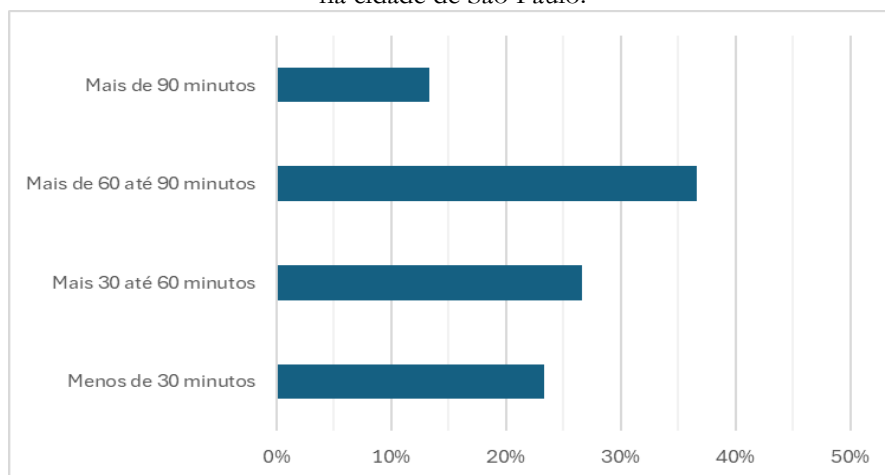
Gráfico 4 – Escola na qual estudou no EF



Fonte: Elaborado pelos autores a partir das entrevistas, 2025.

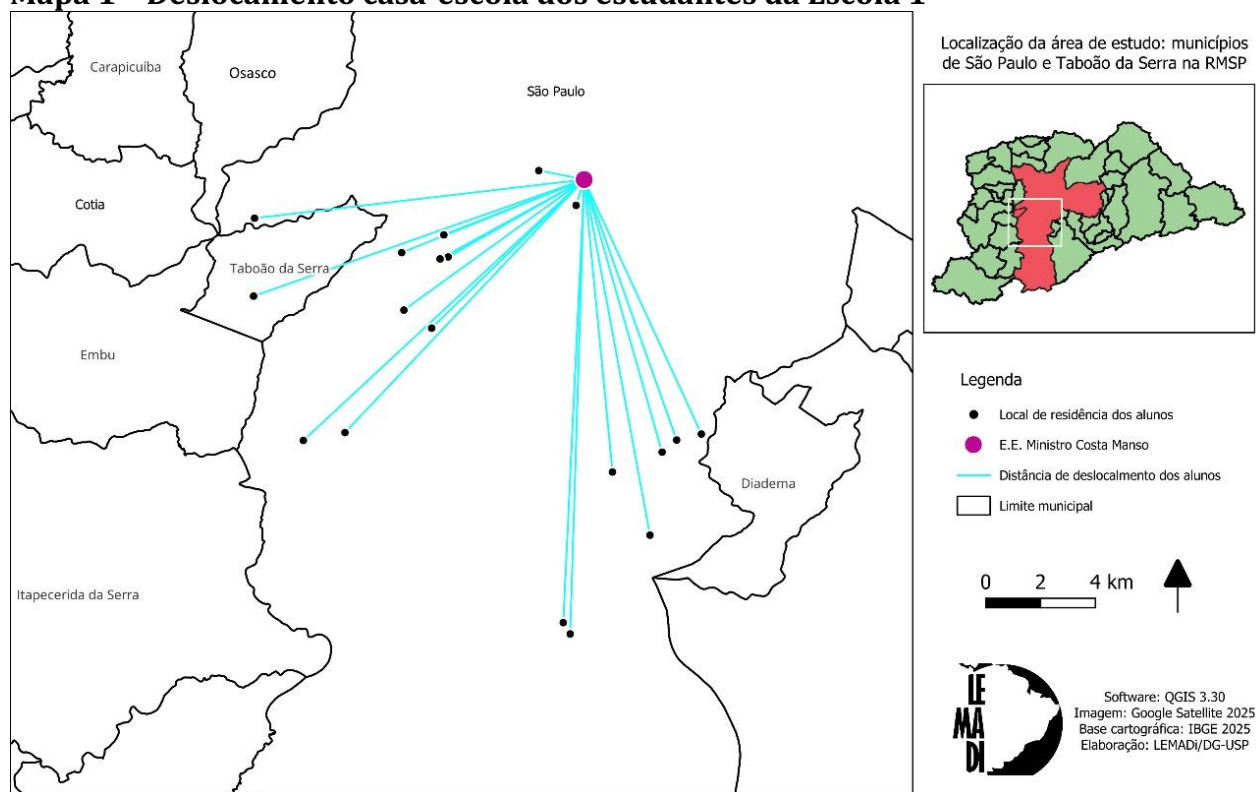
Os gráficos 5 e a imagem 1 e 2 trazem elementos relacionados ao processo de deslocamento casa-escola.

Gráfico 5 – Tempo de deslocamento até a escola (Ida ou volta)



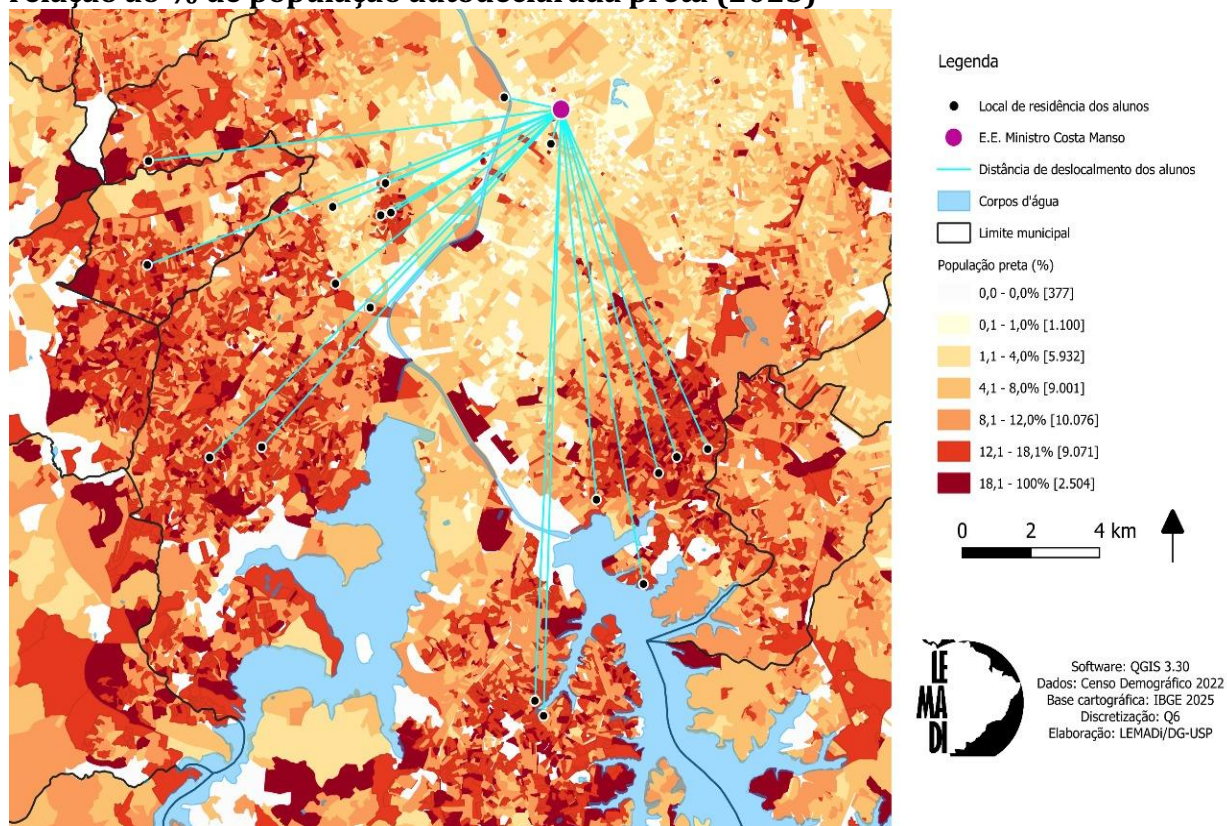
Fonte: Elaborado pelos autores a partir das entrevistas, 2025.

Mapa 1 – Deslocamento casa-escola dos estudantes da Escola 1



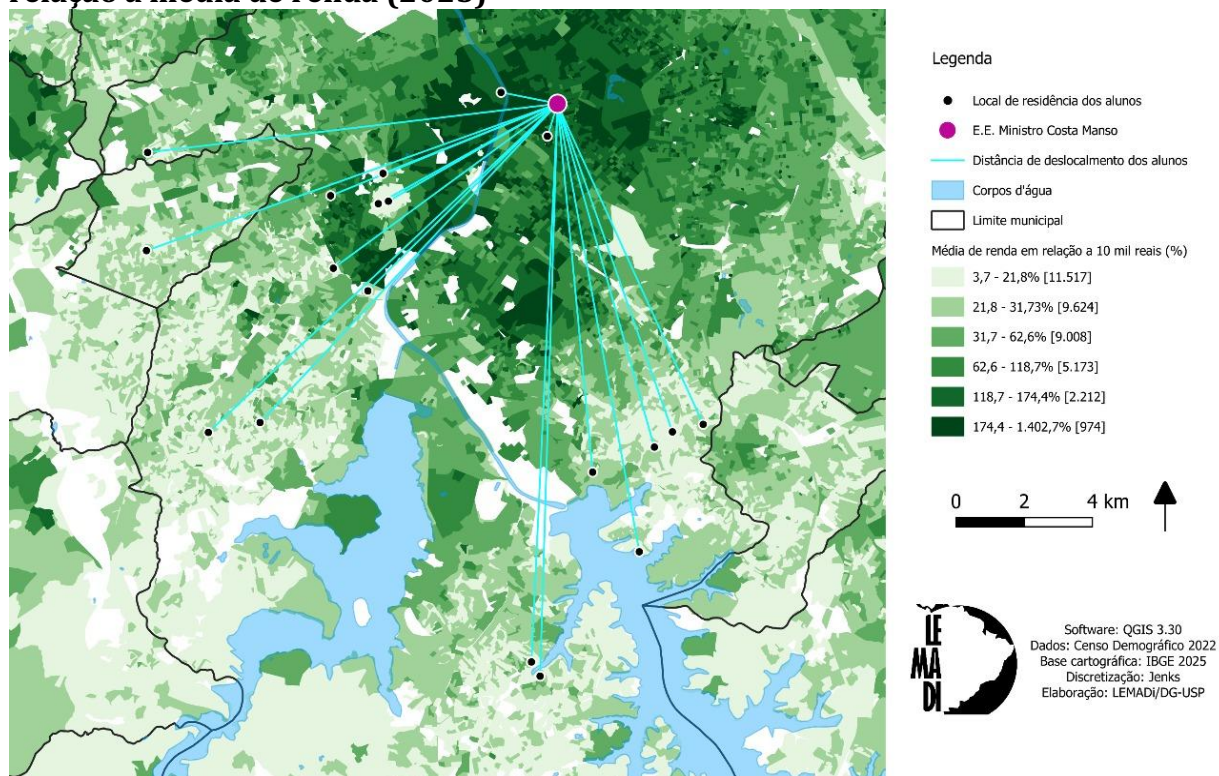
Fonte: Elaborado pelos autores a partir das entrevistas, 2025.

Mapa 2 – Localização da Escola 1 e da residência dos estudantes entrevistados em relação ao % de população autodeclarada preta (2025)



Fonte: Elaborado pelos autores a partir das entrevistas, 2025.

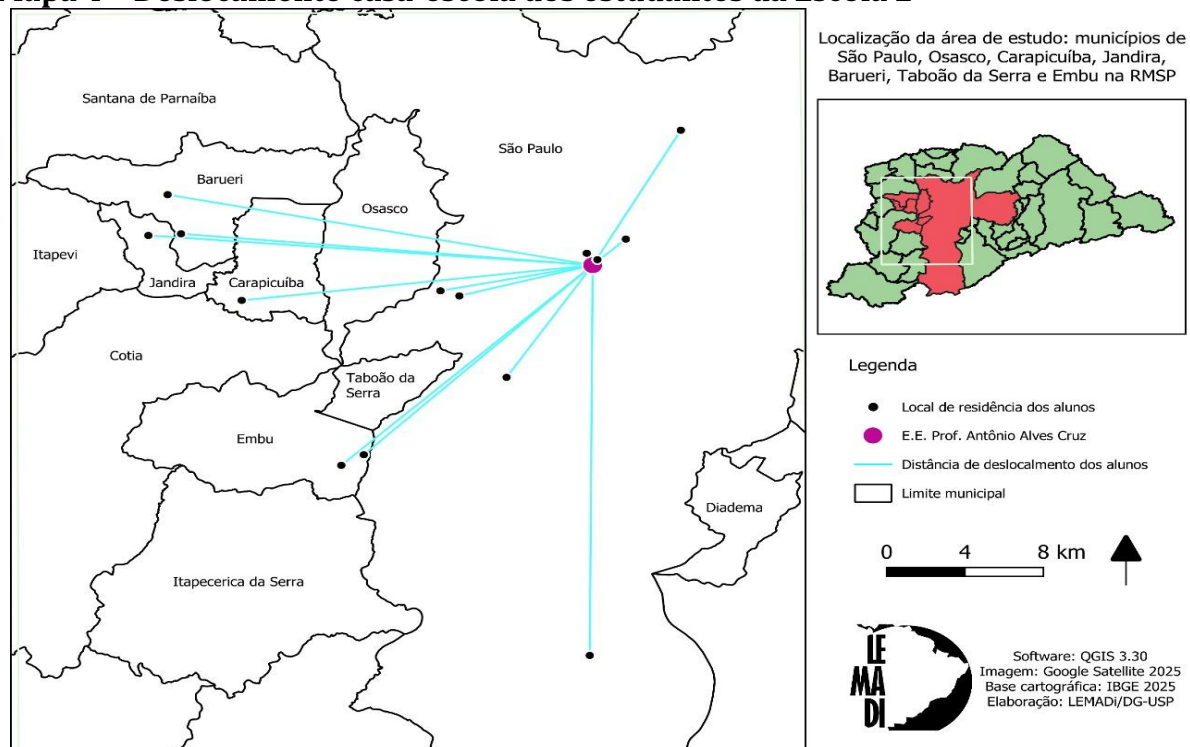
Mapa 3 – Localização da Escola 1 e da residência dos estudantes entrevistados em relação à média de renda (2025)



GIROTTTO, Eduardo Donizeti; OLIVEIRA, João Victor Pavesi de; PASSOS, Felipe Garcia. Programa Ensino Integral e esforço espacial de estudantes do ensino médio: estudo a partir de duas escolas públicas na cidade de São Paulo.

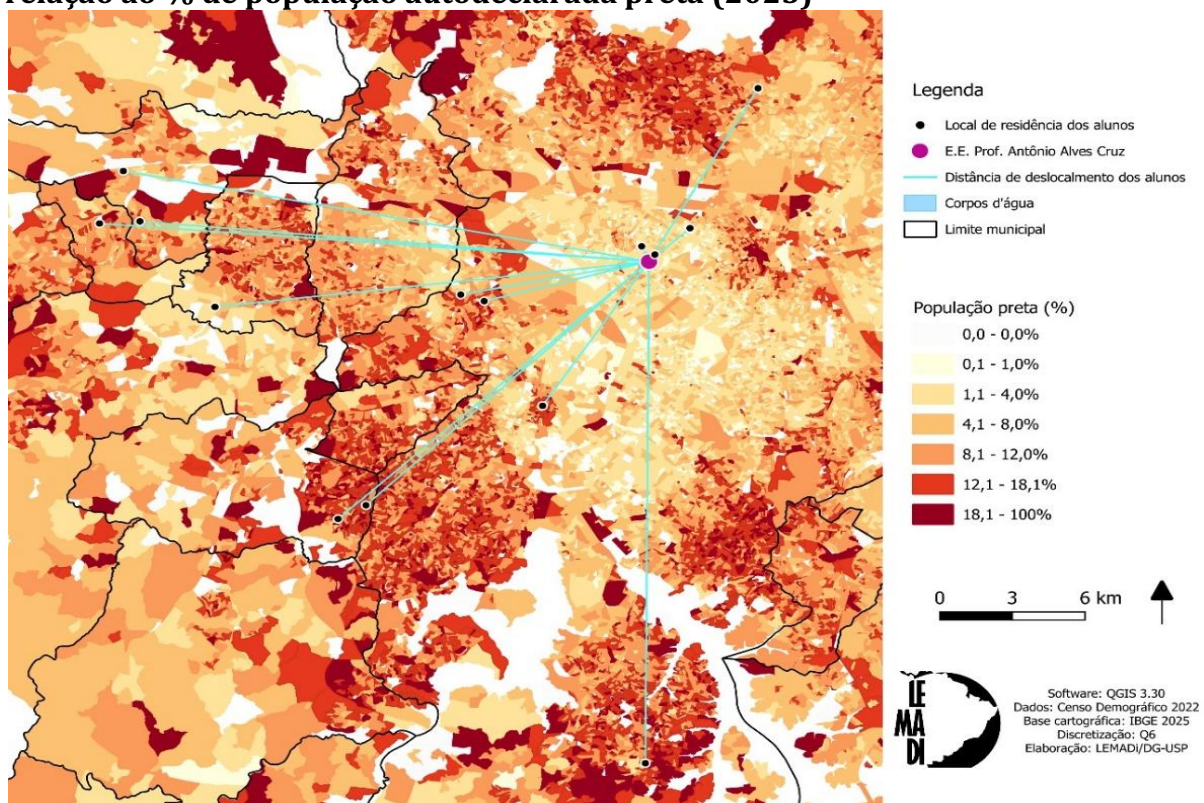
Fonte: Elaborado pelos autores a partir das entrevistas, 2025.

Mapa 4 – Deslocamento casa-escola dos estudantes da Escola 2



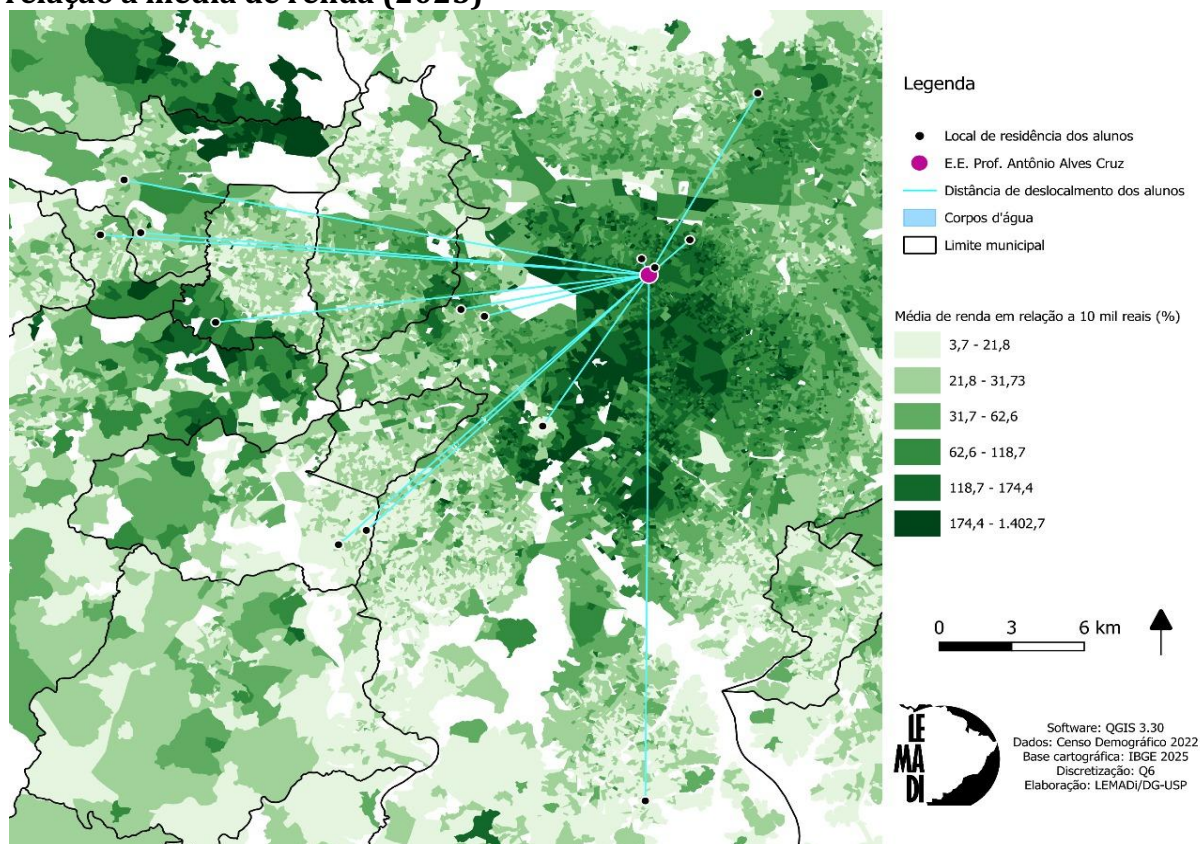
Fonte: Elaborado pelos autores a partir das entrevistas, 2025.

Mapa 5 – Localização da Escola 1 e da residência dos estudantes entrevistados em relação ao % de população autodeclarada preta (2025)



Fonte: Elaborado pelos autores a partir das entrevistas, 2025.

Mapa 6 – Localização da Escola 1 e da residência dos estudantes entrevistados em relação à média de renda (2025)



Fonte: Elaborado pelos autores a partir das entrevistas, 2025.

Os mapas e os dados indicam que a maior parte dos entrevistados não reside no entorno imediato das unidades escolares, comprovado pelo fato de que 52% dos estudantes gastam mais de 60 minutos de deslocamento até a unidade escolar. Outro aspecto importante diz respeito às desigualdades socioespaciais existentes entre os territórios nos quais estão localizadas as unidades escolares e aqueles de residência dos estudantes. Tomando como referência o recorte racial e renda, é possível perceber que as unidades escolares se encontram em territórios com menor percentual de população preta e com maior renda média, o que reforça um conjunto de evidências já produzidas pelas pesquisas sobre a implementação do PEI de que as unidades do programa estão localizadas, sobretudo, em áreas de menor vulnerabilidade social. Portanto, é possível inferir que o esforço espacial realizados pelos estudantes que se deslocam, cotidianamente, para as duas unidades PEI investigadas é uma estratégia de driblar esta relação perversa entre desigualdade socioespacial e escolar.

E essa apreensão das desigualdades fica evidente na fala dos estudantes entrevistados. Ao serem questionados sobre as principais razões que os levaram a escolher a unidade escolar para cursarem o ensino médio, 55% dos entrevistados indicaram o reconhecimento da qualidade educacional ofertada pelas unidades de ensino como principal razão. Entre os aspectos positivos destacados pelos estudantes entrevistados estão o compromisso dos professores com o ensino, a oferta de possibilidades de atividades diferenciadas, a preparação para o ingresso no ensino superior, bem como o convívio com os demais estudantes. Os trechos das entrevistas a seguir trazem parte destes elementos relatados pelos entrevistados:

Porque eu acho que é uma escola muito boa e também o convívio aqui é bem produtivo. Não é uma escola que te prende e te obriga 100%. Os professores ensinam muito bem, os alunos também acolhem muito bem as outras pessoas. É uma escola muito boa de se viver. Pelo menos eu penso assim. (Entrevista Escola I, 7)

Com certeza, ajuda sim. Eu não sou uma pessoa que estuda totalmente, mas o pouco que eu estudo é ótimo, porque o ensino deles é bom, eles são um ótimo preparatório para o ENEM (Entrevista Escola I, 1)

Sim. É, aqui vai até o terceiro... Ah, é que aqui tem várias coisas, tipo, como ela falou, a prova paulista, que ajuda, dependendo da sua nota, você consegue... No terceiro ano, você consegue já ir pra uma faculdade, se formar. É, tem várias coisas que dá pra ajudar, sim (Entrevista Escola I, 5)

Aqui além de ter projetos que envolvem diversão, como o Dia da Vivo, também tem essa questão da prova paulista, o estudo daqui é muito bom, os professores ajudam bastante nessa questão. Tem alunos da USP, inclusive, que vêm ajudar aqui, em reforço de matemática. E tem chances, às vezes, tem alguns patrocinadores que dão a chance de você ir para uma faculdade direto. Deram bolsa de estudo para uma garota no passado. (Entrevista Escola I, 8)

Ah, os professores são bons, as aulas são boas... É uma escola de boa qualidade (Entrevista Escola II, 3)

Eu fui sempre de escola particular. É um outro mundo aqui. Escola pública. Também eu acho que um pouco da formação cultural. Não tanto dos professores, mas sim dos alunos, que buscam estudar e aprender (Entrevista Escola II, 4)

Sim, ter o Alves Cruz no seu currículo é um ponto positivo, em certos aspectos, porque é a melhor escola de São Paulo pública do Centro-Oeste. Então, assim, porra, da hora. Mas, assim, é como qualquer outra escola pública. Se você não se esforça, você não chega a lugar dele. (Entrevista Escola II, 6)

Da mesma forma, quando indagados sobre os motivos de não estudarem em unidades escolares localizadas nos bairros em que vivem, 86% dos estudantes indicaram a baixa qualidade da educação ofertada, bem como a recorrência de casos de violência. Os trechos a seguir trazem os motivos que levam os estudantes a negarem a escolha das unidades mais próximas de casa e realizarem o processo de esforço espacial em busca de uma oferta educacional que consideram de melhor qualidade:

A escola lá não era tão boa, sabe? Os professores faltavam muito, às vezes a gente ficava sem aula mesmo. E também não tinha muita coisa além da aula normal. A gente acabava ficando meio largado (Entrevista Escola I, 9)

Então... é que as escolas lá perto de casa são meio largadas. Tipo, parece que ninguém se importa muito. Meus amigos que estudam lá sempre reclamam que tá tudo bagunçado, que as aulas atrasam, essas coisas. Aí eu pensei melhor estudar num lugar que eu consiga aprender de verdade. E eu já conhecia por meio dos meus amigos, que tinham amigos que eram mais velhos e que já estudavam aqui. Aí eles me falaram. Enfim, foi terceirizado (Entrevista Escola I, 10)

Porque eu percebo que não é um estudo bom, eles são...Não tem muito professor que dá aula, então eu prefiro estudar mais longe do que perto (Entrevista Escola II, 12)

É ruim, não tem estrutura (Entrevista Escola II, 10)

Cabe destacar o papel que a violência escolar tem na busca por unidades escolares mais distantes de seus locais de moradia e o modo como a mesma aparece de forma recorrente e incisiva na fala dos estudantes entrevistados:

A razão é que as escolas são muito periféricas e geralmente tem muita violência. Muita violência (Entrevista Escola I, 1)

Mesma coisa que a Serena disse por que meu primo estudava por lá E aí por conta disso minha mãe viu que não era um lugar bom pra mim porque já ouvi estupros o pessoal vende droga lá, leva a arma pra dentro da sala fica pulando muro tem gente que nem é da escola fica me invadindo então minha mãe não ia gostar disso por mim ela me deixa vindo pra cá (Entrevista Escola I, 2)

Ah, mano, porque lá só tem loucos, só tem noia, os moleques lá é mó doido, eu tenho até medo de botar o pé na escola. Não, pra mim não vira. E, sei lá, eu acho aqui mais seguro. (Entrevista Escola I, 16)

Porque o centro de São Paulo é uma formação, com todo o respeito, de Zé droguinha, né, mano? Você entra nas escolas do centro de São Paulo, você vira traficante, você vira ladrão (Entrevista Escola II, 6)

Está evidente na fala dos estudantes entrevistados a compreensão de como o sistema de educação na rede estadual paulista se organiza desigualmente e que esta desigualdade se expressa espacialmente. Ao lerem as escolas de seus bairros, a maior parte deles localizados nas áreas periféricas da cidade e da região metropolitana de São Paulo, como aquelas dotadas das piores condições de oferta de educação, com falta de infraestrutura, professores e, sobretudo, marcado pela violência, passam a compreender que a alternativa que lhes resta para escapar desta situação é se deslocar espacialmente. Este deslocamento se faz como uma estratégia de alcançar uma oferta educacional de melhor qualidade, compreendida aqui como aquela que pode, de alguma forma, ampliar as suas possibilidades de futuros.

Os relatos que justificam estudar mais longe por razões de qualidade e segurança dialogam com a assimetria dos fluxos observados, em que estudantes periféricos dirigem-se a áreas menos vulneráveis, frequentemente sob a pressão de estigmas territoriais e de uma avaliação comparativa da oferta escolar. Entretanto, a conversão desse movimento em ganhos estáveis depende da capacidade de arcar com custos temporais e organizacionais, bem como de acessar redes e informações pertinentes, o que resulta em permanências diferenciadas e, por consequência, em reprodução de desigualdades escolares (Lindgren; Lundahl, 2010).

No entanto, este processo de deslocamento espacial só pode se dar a partir de algumas condições. O conjunto de entrevistas realizadas indica o papel ativo da família na busca de informações sobre as escolas e a qualidade da educação ofertada, sendo uma das condições fundamentais para que os estudantes possam se deslocar espacialmente. Como apontam os entrevistados, em relação ao processo de escolha da unidade escolar, a família (62%) foi a principal responsável na tomada de decisão. Cabe destacar que, dentre os entrevistados que indicaram o papel da família nesse processo, mais que a metade (61%) ressaltaram a importância da mãe na decisão. Os trechos a seguir destacam este papel da família na escolha da unidade escolar:

minha mãe quis que eu estudasse aqui porque é uma escola recomendada Estadualmente E... Porque ela é muito boa em questão de... Dela ser... Ela

GIROTTTO, Eduardo Donizeti; OLIVEIRA, João Victor Pavesi de; PASSOS, Felipe Garcia. Programa Ensino Integral e esforço espacial de estudantes do ensino médio: estudo a partir de duas escolas públicas na cidade de São Paulo.

é uma escola que tem um... Itinerário Que é boa, por isso (Entrevista Escola I, 1)

Porque meu pai pesquisou escolas e viu que essa era uma escola com relação boa. É a melhor escola pública de São Paulo. É a melhor de centro-oeste de São Paulo. Não sei se é a melhor de centro-oeste de São Paulo totalmente (Entrevista Escola II, 6)

As entrevistas possibilitaram compreender as estratégias dos estudantes e de suas famílias na obtenção de informações sobre as unidades escolares, em especial, acerca da qualidade da educação ofertada, que contribuíssem para subsidiar a tomada de decisão acerca da matrícula. Seja por meio de familiares que já possuíam algum tipo de relação com a unidade escolar, seja pelo fato de os pais trabalharem na região na qual as unidades estão localizadas, este aspecto da entrevista traz importantes elementos para compreender que a dinâmica do esforço espacial pressupõe uma certa vantagem na obtenção de informações que, muitas vezes, não estão amplamente divulgadas para toda a rede de ensino, o que vai ao encontro dos resultados da pesquisa de Paula e Nogueira, 2018.

Se o esforço espacial possibilita aos estudantes acessarem unidades escolares de maior qualidade educacional e que, na visão dos entrevistados, pode contribuir na ampliação de suas perspectivas de futuro, por outro lado, não há nos relatos dos entrevistados um entendimento de que este deslocamento, por sua vez, contribua para um maior acesso aos bens públicos e privados da cidade, em especial, aqueles localizados no entorno da unidade escolar. 65% dos entrevistados indicam uma perspectiva negativa sobre a relação entre o acesso à unidade escolar e a ampliação do acesso à cidade. Menos de 20% indicaram que as unidades escolares incentivam, por meio de ações pedagógicas, o usufruto do entorno da escola e de outra parte da cidade. Ainda sobre o tema do usufruto do entorno, 85% dos entrevistados disseram não aproveitar, por sua própria iniciativa, o entorno da escola.

Um dos elementos responsáveis pelas dificuldades dos estudantes de aproveitar os equipamentos públicos e privados localizados no entorno das duas unidades escolares diz respeito à rotina exaustiva imposto pelo PEI. As duas unidades escolares possuem jornada de 9 horas. Se considerarmos o dado de que mais de 50% dos estudantes gastam, pelo menos, 1 hora em cada um dos trajetos de deslocamento espacial, estamos nos referindo a uma jornada de, pelo menos, 11 horas apenas vinculada ao processo educativo. Esta rotina cansativa é expressa no dado de 86% dos entrevistados veem como

negativo o impacto do PEI em suas vidas. As falas a seguir trazem elementos para compreender algumas dimensões desses impactos:

É que nem o pessoal ali falou, sobre trabalho mesmo porque eu precisava começar a trabalhar, mas por conta do horário, porque sem integral não dava então eu só consigo trabalhar no sábado E aí por conta do trabalho eu não consigo aproveitar o meu final de semana (Entrevista Escola I, 2)

Eu acho que por ser uma escola integral acaba que eu vou pensando bastante. Então, ainda mais para mim que mora longe, eu acordo quatro e meia da manhã. Claro, é cansativo, mas depois você se acostuma. Acaba virando rotina, então tudo bem, mas querendo ou não impacta bastante, porque para quem tinha a rotina de chegar em casa, arrumar as coisas e sair para a jogar bola, fazer alguma coisa, agora não. Eu tenho que estudar, estudar e estudar (Entrevista Escola I, 7)

Nossa, muito. É porque é cansativo. Querendo ou não, nove horas são nove horas. E lá na outra escola também eu entrava de manhã, aí saía à tarde e aí eu ficava na minha casa, né? Aqui eu não tenho tempo pra fazer um curso, pra trabalhar, pra nada. Só pra estudar, né? (Entrevista Escola II, 2)

Muito. Porque antes eu usava meio período de manhã, então eu estava acostumado a ter a tarde inteira livre. Eu ficava um pouquinho tempo fora de casa, né? Eu ia para a escola, uns dez minutos e voltava. Agora hoje em dia, além das nove horas que eu passo aqui, tem a locomoção, né? Então acho que o principal impacto foi esse. Foi eu ter esse tempo perdido e também porque agora fico muito cansado tanto para, sei lá, eu querer sair com alguém ou ver um filme, o tempo livre de lazer e também porque eu podia estar fazendo cursinho ou trabalhando (Entrevista Escola II, 4)

Na minha rotina? É... Impacta a ponto de, tipo, ah, eu socializo mais durante o dia. Sim, eu socializo bem mais durante o dia. E... Mas, ali dentro, você sente o dia passando muito devagar. O dia é muito longo. Muito longo. Chega o ponto de ser exaustivo, que você fala, não, não aguento mais. Quero pular o muro, quero sair daqui, porque não dá (Entrevista Escola II, 6)

Nos relatos anteriores, é possível perceber que o modelo de extensão de jornada implementado no PEI é lido pelos estudantes como um limitador de oportunidades (de explorar o entorno da escola, de conciliar estudo e trabalho), ao mesmo tempo que se configura como mais uma dimensão a impactar o esforço espacial empreendidos por eles para se deslocarem até as unidades escolares. Repete-se, nos relatos, a sensação de cansaço que a soma entre deslocamento e jornada escolar de 9 horas significa na rotina dos estudantes que, reiteradamente, afirmam faltar tempo para que desenvolver outras atividades para além daquelas estabelecidas na rotina do PEI.

A atração exercida pelo PEI se explica pelo sinal de qualidade e pela promessa de trajetórias educacionais mais robustas, mas tal promessa é mediada por custos cotidianos elevados, sobretudo quando a jornada ampliada se soma a deslocamentos longos e pouco integrados ao entorno. Nessa chave, a escola simultaneamente habilita e restringe mobilidades percebidas e reais, o que ilumina padrões de permanência e desistência e explicita a gramática de recompensas e custos que conforma o esforço espacial (Lindgren e Lundahl, 2010).

Desse modo, se de um lado o Programa pode ser compreendido como um dos responsáveis por construir uma percepção de melhora na oferta da qualidade educacional das duas unidades escopo deste estudo, o que inclusive, é lido como uma das razões do esforço espacial empreendido pelos estudantes, por outro lado, a vivência no Programa pelos estudantes traz outras perspectivas, em especial, sobre o desafio de conciliar deslocamento espacial, rotina de estudo, fruição do entorno e das demais atividades de vida. Além disso, o fato de as unidades escolares pouco dialogarem com o entorno por meio de ações didático pedagógicas contribui para esta sensação de um deslocamento espacial que se faz através de pontos e que não permite uma vivência espacial no sentido da apropriação de bens e equipamentos públicos presente na cidade.

Considerações finais

O esforço espacial, escopo deste estudo, pode ser compreendido como uma categoria analítica que visa analisar como as relações entre desigualdades escolares e espaciais se correlacionam, se reforçam e são apreendidas e interpretadas pelos diferentes sujeitos sociais. Além disso, pode ser mobilizada para o entendimento acerca das razões que levam os sujeitos a se deslocarem espacialmente em busca daquilo que consideram uma melhor oferta de educação de qualidade, as condições fundamentais para que este deslocamento ocorra, bem como os seus impactos na rotina daqueles que se deslocam.

Ao tratar a mobilidade como recurso socialmente distribuído, este trabalho evidencia que o esforço espacial não é uma disposição individual isolada, e sim um operador analítico que revela as condições desiguais de conversão de aspirações em percursos escolares efetivos. Em um contexto em que a mobilidade se torna parâmetro de valor, a justiça educacional requer políticas que ampliem motilidade (acesso,

competências, adequação), reduzam custos de deslocamento e evitem que o lugar de moradia continue a organizar desigualdades de oportunidades (Lindgren; Lundahl, 2010).

As entrevistas realizadas indicam que são, sobretudo, os estudantes de áreas periféricas da cidade e da região metropolitana de São Paulo que se deslocam até áreas mais centrais, menos vulneráveis, em busca desta oferta educacional de melhor qualidade. E assim o fazem por apreenderem que, em seus bairros de origem, não é possível acessá-la. Ao contrário, leem a oferta educacional ali presente como marcada pela precariedade e pela violência.

No entanto, este deslocamento pressupõe o acesso às informações sobre o sistema de ensino que muitas vezes não circulam de forma ampla. Neste processo, as famílias têm papel central, sobretudo, às mães. Portanto, ao esforço espacial empreendido pelos estudantes precede o esforço espacial das famílias na obtenção das informações e na definição de para qual ponto do sistema escolar o deslocamento dos seus filhos se dará.

Este esforço espacial tem suas recompensas e custos. Nas entrevistas, fica claro aos estudantes que o acesso a estas unidades escolares podem significar uma ampliação das perspectivas de futuro, em especial, de continuidade de estudos no ensino superior. Ao mesmo tempo, há um custo representado pelo cansaço do deslocamento e por uma rotina exaustiva, catalisada pela jornada de 9 horas representada pelo PEI. É neste contínuo equilíbrio entre recompensas e custos que o esforço espacial continua a ser empreendido diariamente pelos estudantes e representa uma importante senda conceitual para problematizar as desigualdades através das quais se estrutura a oferta educacional na rede estadual paulista.

Por se tratar de um primeiro estudo, com uma amostra concentrada em apenas duas unidades escolares, há limitações nas análises aqui propostas, em especial, na impossibilidade do desdobramento das conclusões para outros contextos. No entanto, o que nos interessa com as evidências produzidas neste estudo é a possibilidade de construir uma agenda de pesquisa que, desde a concepção de esforço espacial, busque entender de que forma as desigualdades socioespaciais e escolares são vivenciadas pelos sujeitos sociais. Em nossa perspectiva, o entendimento destas vivências é de fundamental importância, tanto para desnaturalizá-las quanto para propor forma de superá-las, construindo um sistema de oferta educacional assentado na equidade educativa e espacial.

Referências

- BEN AYED, Choukri. As desigualdades socioespaciais de acesso aos saberes: uma perspectiva de renovação da sociologia das desigualdades escolares?. **Educação & Sociedade**. v. 33, n. 120 jul.-set. 2012. p. 783-803.
- BOURDIEU, Pierre. O efeito de lugar. In: BOURDIEU, Pierre (org.). **A miséria do mundo**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 159-166.
- CARLOS, Ana Fani A. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARLOS, Ana Fani A. Henri Lefebvre: o espaço, a cidade e o “direto à cidade”. **Revista direito e práxis**, v. 11, 2020. p. 349-369.
- DARDOT, Pierre & LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.
- ÉRNICA, Maurício. BATISTA, Antônio G. Educação em territórios de alta vulnerabilidade social na metrópole: um caso na periferia de São Paulo. Informe de Pesquisa. **CENPEC**, n. 3, nov. 2011. p. 640-666.
- GIROTTTO, Eduardo D.; PASSOS, Felipe G.; JORGE, Isabel F.; OLIVEIRA, João Victor P. Programa Ensino Integral da rede estadual paulista: uma análise a partir da percepção dos/das estudantes. **Retratos da Escola**, v. 19, n. 43, 2025. p. 237-260.
- GIROTTTO, Eduardo. D.; JORGE, Isabel F.; OLIVEIRA, João Victor P. Ensino em tempo integral e segmentação da oferta: análise dos programas ETI e PEI na rede pública estadual de São Paulo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, 2022. p. 1-29.
- GIROTTTO, Eduardo. D.; OLIVEIRA, João Victor P. Política educacional e gentrificação escolar: estudo de caso sobre o programa ensino integral na cidade de São Paulo. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 25, 2023. p.1-20.
- GIROTTTO, Eduardo. D.; OLIVEIRA, João Victor P.; GRATON, Bruna B. Geografia, política educacional e desigualdade: o caso do Programa de Ensino Integral do Estado de São Paulo (2012- 2018). **Giramundo - Revista de Geografia do Colégio Pedro II**, v. 6, 2020. p. 23-38.
- HAESBAERT, Rogério. Sobre as i-mobilidades do nosso tempo (e das nossas cidades). **Mercator** (Fortaleza. Online), v. 14, 2015. p. 83-92.
- HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.
- LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. São Paulo: Boitempo, 2019
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5ª Edição. São Paulo: Centauro, 2008.
- LINDGREN, Joakim; LUNDAHL, Lisbeth. Mobilities of youth: social and spatial trajectories in a segregated Sweden. **European Educational Research Journal**, v. 9, n. 2, 2010. p. 192-206

GIROTTTO, Eduardo Donizeti; OLIVEIRA, João Victor Pavesi de; PASSOS, Felipe Garcia. Programa Ensino Integral e esforço espacial de estudantes do ensino médio: estudo a partir de duas escolas públicas na cidade de São Paulo.

PAULA, Gustavo Bruno de; NOGUEIRA, Maria Alice de Lima Gomes. Desigualdades socioespaciais e escolhas escolares. **Educação** (Santa Maria. Online), v. 43, n. 1, 2018. p. 55-74.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. KOSLINSKI, Mariane. Efeito metrópole e acesso às oportunidades educacionais. **Revista Eure**, Vol. XXXV, Nº 106, 2009. p. 101-129.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

VAN ZANTEN, Agnés. New modes of reproducing social inequality in education: the changing role of parents, teachers, schools and educational policies. **European Education Research Journal**, vol. 4, n. 3, 2005.

ZUCCARELLI, Carolina; CID, Gabriel. Oportunidades educacionais e escolhas familiares no Rio de Janeiro. In: RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; KOSLINSKI, Mariane Campelo; ALVES, Fátima; LASMAR, Cristiane (org.). **Desigualdades urbanas, desigualdades escolares**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2010. p. 249-276.

Licença: Copyright é retido pelo/a autor/a (ou primeiro/a co-autor/a) que outorga o direito da primeira publicação ao Jornal de Políticas Educacionais. Mais informações da Licença Creative Commons encontram-se em https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0. Qualquer outro uso deve ser aprovado em conjunto pelo/a/s autor/a/es/as e pelo periódico.
